

Nótulas históricas – uma (re)leitura de Campos (2000)

Maria Teresa Brocardo

Abstract : Starting with a brief review of Campos (2000), this paper concentrates on the diachronic facet of the article, and in particular on the evolution of the Portuguese compound perfect. Assuming that the diachronic perspective should complement the synchronic analysis, the paper emphasises the relation between the specificity of this tense form (as opposed to other Romance languages) and its historical development.

I have learned many things with Henriqueta Costa Campos. I just hope I have been able to evidence that her work on Portuguese linguistics, whose importance is widely recognised, can also be a starting point for historical studies.

Justificação

Procurando ir ao encontro de uma das ideias partidas do 5 WGT em Gramática e Texto, o presente trabalho partiu da (re)leitura de um dos textos da bibliografia de Henriqueta Costa Campos. Trata-se do texto publicado, em 2000, nas *Actes du XXII^e Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes* (XXII CILPR), num volume com o sugestivo título "Nouvelles ambitions de la Linguistique Diachronique" e que teve como base a comunicação apresentada no congresso ocorrido em Bruxelas em 1998. Embora a autora afirme expressamente, logo no início, que «Il ne s'agit pas d'une recherche historique» (Campos 2000: 57), entenderam os organizadores do XXII CILPR que a sua apresentação se enquadrava nesta secção, certamente tendo em conta o facto de o tratamento do tema proposto – 'les formes composées du prétérit en portugais' – incluir diversos dados diacrónicos relevantes.

Dada a área de estudos em que tenho centrado a minha investigação, foi esta vertente diacrónica do trabalho de Campos que me deu pretexto para me abalançar ao exercício de releitura que aqui apresento. Procurarei, portanto, sobretudo explorar os dados e referências que mais directamente apontam essa vertente, relembando alguns aspectos, conhecidos, que considero importantes para um tratamento diacrónico

do tema proposto e terminando com sugestões de desenvolvimento dos tópicos a explorar. O meu trabalho* assume assim uma leitura 'histórica' do texto de Campos, que toma como ponto de partida para aduzir algumas nótulas sobre a evolução das formas compostas do pretérito perfeito e mais-que-perfeito (em especial o primeiro).

Os objectivos e as hipóteses

Campos (2000) começa por declarar um objectivo duplo, que corresponderia a construir uma argumentação que permita tanto (i) compreender por que tem o pretérito perfeito composto (PPC) em português um valor aspectual / temporal distinto do das restantes línguas românicas, como (ii) procurar mostrar que as formas simples e composta do mais-que-perfeito podem corresponder a interpretações aspectuais distintas.

(i) A hipótese inicial da autora para procurar explicar a especificidade do pretérito perfeito composto em português é que ela decorre da diferença do auxiliar (*ter* e não *haver*), diferença por sua vez decorrente do contraste original dos verbos derivados de HABERE / TENERE enquanto verbos lexicais. O facto de o mais-que-perfeito composto ser também

* Agradeço à Clara (Nunes Correia) a paciência para responder a algumas perguntas, discutir várias coisas e fornecer leituras. Os erros, claro, são inteiramente meus.

construído com *ter* leva à reformulação desta primeira hipótese – a especificidade do PPC decorre não só da construção com o auxiliar *ter*, mas também da sua combinação com o tempo presente.

(ii) O segundo objectivo enunciado voltaria a ser explorado pela autora em trabalho posterior, justamente com o título "Para a unificação dos valores do Perfeito e do Mais-que-Perfeito em Português" (Campos 2005). Campos daria, pois, continuidade ao tratamento desta temática, no sentido de apontar algum paralelismo entre os contrastes formais e semânticos que, sendo evidentes, em português actual, para o perfeito (*O João publicou / tem publicado muitos artigos*), são menos óbvios para o mais-que-perfeito (*Quando foi contratado, o João (já) publicara / tinha publicado muitos artigos*) (exemplos meus). Em função deste objectivo, o texto combinará nalguns pontos a análise das duas formas verbais – perfeito e mais-que-perfeito – sugerindo uma possibilidade de as formas simples e composta do segundo terem (poderem ter) diferentes valores aspectuais. Assim, quando em português contemporâneo subsiste uma co-ocorrência de ambas as formas (nomeadamente em registos literários) isso implica, segundo a autora, que subsiste a possibilidade de um contraste eventualmente (mais) produtivo em fases anteriores da língua (o que infiro da análise exposta). A análise de um excerto de Fernão Lopes em que ambas as formas, simples e composta, ocorrem em sequência leva Campos a defender que a opção por uma delas pressupõe que o autor privilegia, respectivamente, a culminação ou o estado resultante do evento linguisticamente construído. Não há, portanto, uma total sobreposição, mesmo se as duas formas têm o mesmo valor têmporo-aspectual de base (cf. Campos 2000: 60. Cf. também Campos 2005: 136-137).

A vertente diacrónica

As considerações da autora em torno dos funcionamentos do perfeito e

mais-que-perfeito motivam um excuro diacrónico que se traduz no trabalho de Campos essencialmente pela apresentação e análise de alguns exemplos extraídos de textos medievais, em particular a *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes (partes I e II) I e o *Testamento de Afonso II* de 1214, bem como por algumas referências a dados da evolução *haver* > *ter* e a estudos diacrónicos (de Azevedo Ferreira e Said Ali).

De certa forma, portanto, sugere-se que a diacronia poderá ser complementar da descrição sincrónica. Tomarei este pressuposto como ponto de partida para aduzir algumas 'nótulas' sobre os aspectos a considerar na evolução das formas verbais em análise, ocupando-me em particular do pretérito perfeito.

Dada a peculiaridade do funcionamento do PPC em português em contraste com outras línguas românicas, será relevante explorar a hipótese de existir uma relação entre essa especificidade, observável na sincronia actual, e o percurso diacrónico da construção que esteve na sua origem.

Recorde-se que o português tem em comum com as restantes línguas da família a inovação (panromânica), que consiste justamente no desenvolvimento de uma forma composta (composta por um auxiliar de 'posse' + particípio passado) ao lado do pretérito perfeito simples (PPS), este continuação da forma latina. Em contrapartida, delas diverge, em termos gerais, relativamente ao auxiliar, tendo vindo a generalizar-se *ter* (< TENERE) em português, em contraste com a grande maioria das línguas românicas, que dão continuidade a descendentes de HABERE. Como referido acima, Campos (2000: 60) começa por sugerir que este facto poderia estar na base de uma hipótese explicativa sobre a diferenciação de valores que viria a observar-se em português para o PPC. Mas, como também já foi referido, esta hipótese não é inteiramente satisfatória, dado que, por exemplo, o mais-que-perfeito composto tem igualmente *ter* como auxiliar e no entanto

ele «est marqueur de la construction d'une occurrence singulière» (Campos 2000: 58). Acrescente-se ainda que poderá não existir uma relação obrigatória entre o tipo de valores marcados pelo PPC em português e o uso do auxiliar *ter*, ou seja, poderá haver outro tipo de argumento que leva a abandonar a hipótese esboçada, como notam Squartini & Bertinetto (2000: 428, n. 10): «One might wonder whether the restriction on this particular interpretation of the Portuguese C[ompound] P[erfect] [durativo ou iterativo incluindo o tempo de enunciação, que é presente] is due to the presence of the auxiliary *ter* instead of *haver*. This is a reasonable hypothesis in itself; but note that some varieties of Latin American Spanish [...] seem to behave in the same way, despite the presence of the auxiliary *haber*.»

Noutro aspecto ainda, diverge o português, em maior ou menor grau, das restantes línguas românicas, e esse será, me meu entender, um facto essencial na diferenciação de valores do PPC, tendo decisivamente contribuído para o tipo de funcionamento peculiar desta forma em português. Refiro-me à conservação 'plena' do PPS, no sentido em que o uso desta forma não se encontra restringido por factores decorrentes, por exemplo e muito genericamente, do tipo de registo (ou de outros factores, por exemplo de ordem textual. Cf. Squartini & Bertinetto 2000: 417). Nesta hipótese, portanto, admite-se que é o facto de, ao contrário do que aconteceu com outras formas verbais simples, cuja frequência de ocorrência foi diminuindo ao longo do tempo (como no caso do mais-que-perfeito), o PPS ter tido continuidade em português que propiciou uma diferenciação de valores entre as formas simples e composta, com contrastes muito sensíveis entre si.

Uma interpretação deste género é referida por Squartini & Bertinetto (2000). A questão por eles colocada é de saber se o funcionamento observado em português para o PPC poderia entender-se, como outros propuseram, como representativo de

um estágio diacrónico intermédio entre o puro resultativo (numa fase anterior à gramaticalização das construções com HABERE + PP) e o puro perfectivo (em que o PPC inteiramente assume os valores antes marcados pela forma simples, incluindo variedades em que esta forma é virtualmente inexistente). Simplificando um tanto a análise proposta, os autores acabem por inclinar-se para a ideia de que o português não representaria um estágio intermédio da evolução mais geralmente observada nas línguas românicas, a que os autores chamam «aoristic drift», mas representaria antes o resultado de uma evolução independente, possivelmente motivada pelo facto de o PPC ter tido continuidade como forma inteiramente 'produtiva' (mas o termo aqui usado é meu). Nas suas palavras: «we would venture to suggest that Portuguese might plausibly attest a situation which points towards a radically diverging orientation, as compared to the remaining Romance languages. Namely Portuguese might have privileged the S[imple] P[erfect] rather than the CP (...). In other words, the Portuguese situation might simply exhibit one possible outcome of the frequent conflict arising between past tenses competing for the same (or for a too similar) semantic territory.» (Squartini & Bertinetto 2000: 420)

Procurando explorar esta análise, eu diria que a competição entre formas que, na maioria das línguas românicas, se saldou por uma tendência para a preponderância do PPC, foi no caso do português 'ganha' pelo PPS, que continuou a ocorrer com valores que foram sendo adquiridos pelo PPC em muitas outras línguas. Mas este facto – a continuidade do PPS – deixou espaço para que o PPC assumisse outros valores.

Nótulas para um estudo diacrónico do PPC em português

Numa tentativa de sistematização dos aspectos a considerar e a explorar na evolução do PPC que levaria à situação

observável na sincronia actual, optando, portanto, por uma abordagem especificamente diacrónica da questão, teríamos: (a) a alternância de construções com *haver* e *ter*; (b) a alternância de valores nestas construções – leitura resultativa / leitura de tempo composto, neste último caso com valores a especificar em diferentes sincronias; (c) contraste entre as formas de tempo composto e a forma simples, a caracterizar em diferentes sincronias.

Não poderia (nem saberia) desenvolver aqui todos estes aspectos. Limito-me, por isso, a aduzir as tais 'nótulas', que, claro, estão longe de constituir o desenvolvimento de qualquer uma das alíneas enunciadas.

Quanto à alternância entre *haver* e *ter* em português (que redundaria na substituição do primeiro quase inteiramente pelo segundo, como é sabido) o estudo dos dados da diacronia não deve basear-se exclusivamente (nem mesmo centralmente) na frequência relativa de formas destes dois verbos. A razão é simples: em português antigo (possivelmente até ao século XIV, sendo difícil precisar uma delimitação cronológica mais estreita) *haver* e *ter* não são semanticamente equivalentes. Considerando o seu funcionamento como verbo principal 'pleno', *haver* denota 'posse' estrita (parafraseável por *pertença*) ou, em termos mais gerais, abarcando todos os tipos de objectos possíveis, uma relação que é perspectivada como 'permanente' ou 'inerente'. Em contraste, *ter* denota 'posse', ou melhor, uma relação que é perspectivada como transitória (esta diferenciação é particularmente evidente em textos medievais cuja função é justamente formalizar e / ou transmitir diferentes tipos de 'posse', como testamentos, escrituras de compra e venda, empenhamentos). Vejam-se os exemplos (1) e (2) em contraste com (3) a (5):

1. *a outra herdade que auia toda a leixou a dõ meen garcia seu primo* (LLC fin. XIV?)

2. *a mh~a matade de todolos be~es que eu ey cõ meu Marido* (DPs 1383)
3. *as quaes casas Johã dunho te~ per plazo do Conue~to do Monsteiro de Poõbeiro* (DPs 1365)
4. *E teue del dõ Rodrigo gomez de trastamar o condado de trastamar que el tijnha del Rei en tee~ça e~ toda a sa uida* (LLC fin. XIV?)
5. *A uera cruz nõ teedes aqui* (LLC fin. XIV?)

O mesmo tipo de contraste parece ter contrapartida nas construções 'resultativas', como se infere do confronto de (6) e (7):

6. *e~ escambho dadas e outorgadas Auyã [as casas]* (DPs 1385)
7. *ou lhis ficarom per morte dalgu~as pessoas que os delas teuessem Emprazados ou Afforados* (DPs 1357)

(Para uma argumentação em torno desta análise e também sobre *haver* / *ter* como verbos 'leves', cf. Brocardo 2006)

Quando começam a ocorrer construções de *haver* / *ter* + PP que evidenciam uma gramaticalização como tempo composto, isso pressupõe uma perda do valor lexical dos verbos em causa ('dessemantização' ou 'bleaching'), naturalmente implicando que não há já contraste entre eles. Em princípio, é *haver* que se posiciona inicialmente como preenchendo as condições de poder ser um auxiliar, porque de sentido mais geral, e isso de certo modo espelha-se no facto de *haver* ser mais frequente nestes casos do que *ter*, num período inicial (cf. 8 e 9). A generalização do sentido de *ter* como verbo principal (a generalização do seu valor 'lexical'), virá, porém, contrariar esta tendência, e assim, no século XV há já muitos exemplos de construções de tempo composto com *ter* (cf. 10). (Veja-se, porém, Pereira & Cardoso 2003, com exemplos anteriores).

8. *E pera ffaser certo o dito Apariço domingjs que os ditos herdame~tos e béés eran seus como dito ha* (DPs 1350)

9. *E forõ cõ el na busca da uera cruz por saluame~to da fe de iesu cristo e de toda a cristijdade asi como auemos mostrado. (LLC fin. séc. XIV?)*
10. *Ora pois elles são lamçados em suas çilladas e nos quere~ emganar, emganemos nos a elles, e tenho cõsyrado per esta guisa que vos direy (ZPM fin. XV?)*

Em qualquer caso, e como já observado em Campos (2000: 58) a propósito de outros exemplos, evidencia-se aqui a construção de uma ocorrência singular. Ou seja, o PPC não mostra sinais dos valores durativo ou iterativo, pressupondo a inclusão do tempo de enunciação, característicos do PPC em português actual. Correndo o risco de uma simplificação excessiva, diria que se aproxima mais do valor que actualmente se observa em variedades de castelhano standard. Dados deste tipo poderiam talvez dar suporte à hipótese acima referida de Squartini & Bertinetto (2000). O funcionamento do PPC em português actual não corresponde a uma fase intermédia do «aoristic drift», como os autores sugerem, mas uma mudança divergente, de certo modo independente, sofrida por esta forma verbal em português. E, talvez se possa agora acrescentar, essa mudança terá ocorrido posteriormente no percurso diacrónico da língua. Mas naturalmente que este tipo de generalização terá de vir a ser sustentada em estudos diacrónicos com os instrumentos de análise adequados, recolhendo, seleccionando e descrevendo ocorrências devidamente contextualizadas em função de diferentes parâmetros.

Termino apenas com uma breve observação que pretende de certo modo complementar o que até aqui foi dito sobre a evolução do PPC. Além da questão, complexa, da gramaticalização das construções com *haver / ter* [pres] + PP, será ainda oportuno considerar dados relativos a construções formalmente paralelas, mas com formas verbais derivadas de < ESSE, que ocorrem com

verbos inacusativos em português medieval alternativamente à forma de PPS, como nos exemplos (11) e (12):

11. *E esto he que o velho que ally estaa por capitão he partido pera o seu rregno (ZCPM fin. séc. XV?)*
12. *E se na vida elle fora acompanhado, por rrezão do ofiçio que tinha, ne~ na morte nã partio soo pera aquella ymfernall cõpanhia pera que (...)(ZCPM fin. séc. XV?)*

Correspondendo este tipo de construção à continuação formal dos tempos compostos dos depoentes latinos, e não uma inovação românica, como é sabido, não se coloca aqui, naturalmente, a questão da sua gramaticalização. Seria, pois, relevante analisar atentamente dados deste tipo, sobretudo no sentido de procurar determinar se há contrastes semânticos entre as formas simples e composta e se / como essa relação varia diacronicamente. Conviria também, como já procurei sublinhar noutro trabalho a propósito do mais-que-perfeito (Brocardo 2009), ter em consideração estes dados para aferir da gramaticalização das construções com *haver / ter*, assinalando a emergência de construções com verbos inacusativos com os novos auxiliares, ou seja, a extensão destes na formação do PPC com verbos que inicialmente apenas ocorrem com formas de < ESSE.

Tive já ocasião de declarar publicamente que aprendi muitas coisas com Henriqueta Costa Campos. Não podia agora deixar escapar a oportunidade de o escrever. Só espero ter sido capaz de mostrar o que para mim se tornou ainda mais óbvio ao longo deste meu 'exercício': *Ler Campos* resulta (e certamente continuará a resultar) como uma parte extremamente enriquecedora do trabalho em linguística do português.

Referências

- Brocardo, M. T. (2006) *Haver e ter* em português medieval. Dados de textos dos séculos XIV e XV. *Revue de Linguistique Romane* 70, pp. 95-122
- Brocardo, M. T. (2009) *Mais-que-Perfeito* em português – elementos para um estudo diacrónico. Comunicação apres. à Conferência Internacional sobre Gramática e Texto - GRATO. Lisboa, FCSH – UNL
- Campos, M. H. C. (2000) Sur les formes composées du prétérit en portugais. In A. Englebert et al. (eds) *Actes du XXII^e Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes* (Bruxelles 1998) Vol. II, 57-63
- Campos, M. H. C. (2005) Para a unificação dos valores do Perfeito e do Mais-que-Perfeito em português. In: D. Carvalho et al. (eds). *Des(a)fiando Discursos. Homenagem a Maria Emília Ricardo Marques*. Lisboa: Universidade Aberta, 133- 139
- Squartini, M. & P. M. Bertinetto (2000) The Simple and Compound Past in Romance languages. In: Ö. Dahl (ed.) *Tense and aspect in the languages of Europe*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter

Fontes dos exemplos

- (DPs) Martins, A. M. (2001) *Documentos portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa: Da Produção Primitiva ao Século XVI*. Lisboa: IN-CM
- (LLC) Brocardo, Maria Teresa (2006) *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*. Edição do fragmento manuscrito da Biblioteca da Ajuda (século XIV). Lisboa: IN-CM
- (ZCPM) Brocardo, Maria Teresa (1997) *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses de Gomes Eanes de Zurara*. Edição e estudo. Lisboa: FCG / JNICT